

Um mundo de letras e literatos

Ao contrário do que pensa o senso comum, a literatura árabe não é oral, e sim o universo por excelência da escritura. A confusão se dá por um olhar anacrônico: ignora-se que na época das primeiras letras a memória consistia em suporte tão ou mais válido que o papel

POR **MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE**

A expressão que modernamente se usa em árabe para “literatura”, *ádab*, não era assim compreendida pelos antigos. *Ádab*, com efeito, apresentou no decorrer do tempo vários significados, e o de “literatura” é obviamente o mais tardio: bons modos, urbanidade, decoro, instrução etc. Na verdade, em seu período “clássico”, e de um modo que decerto não é exclusivo dela, a cultura árabe divide os modos de produção de discurso, entre outros, em dois: *nazm* e *nathr*, cujo funcionamento como par opositivo fica evidente na etimologia. *Nazm*, poesia, “ordenação”, supõe métrica, rima, ordem enfim, ao passo que *nathr*, prosa, “espalhamento”, supõe a falta de todos esses elementos, desorganização, desordem etc. É possível explicar por que a inclusão da prosa nas belas letras é relativamente tardia entre os árabes: suas mais antigas produções literárias *stricto sensu* – sejam elas as *mi’allaqât*, “suspensas” ou “comentadas”, sejam composições de poetas menos reconhecidos ou apreciados – são poesias e versos soltos da época pré-

islâmica, cujo registro escrito, observe-se desde já, somente foi efetuado na época do Islã, já bem entrado o século VII.

O sintomático aí reside justamente no fato de que aquilo que se considerava monumento literário digno de admiração, autêntico modelo para os pósteros, era constituído por poesias e versos muitas vezes soltos. Praticamente nenhuma prosa “literária”, isto é, uma prosa que fosse considerada portadora de valor estético, foi legada à posteridade.

Quando se pensa, por exemplo, nos ditos e sentenças conservados de sacerdotes de algumas das religiões obscuras ou ignoradas que vicejavam na península, verifica-se que essa produção, no mais das vezes, se aproxima da poesia, com o uso de recursos típicos desta última, como aliterações, rimas e outros, que não raro se sobrepõem ao sentido. O próprio *Alcorão*, como notou mais de um crítico antigo e moderno, lança mão de tais recursos, chegando a conter versículos inteiros em algum dos metros utilizados na poesia.

A atividade poética, diga-se de pas-



sagem, consistiu num dos apanágios dos árabes. Trata-se de uma constatação histórica que soa a mera banalidade, mas a realidade é que toda tribo, todo clã, possuía poetas, cujo método de trabalho pode ser descrito, graças à minúcia dos historiadores e cronistas antigos, com razoável precisão: depois de conquistar algum renome graças à qualidade de seus versos, o poeta os transmitia a um determinado círculo de discípulos ou recitadores, que dessa maneira se tornavam vozes por assim dizer “autorizadas” relativamente a tal produção; era comum que eles mesmos, por sua vez, se tornassem poetas, transmitindo então seus próprios versos, bem como os do poeta que os tornara repositórios de seus versos, a outro grupo de discípulos e recitadores, e assim por diante, num processo de multiplicação quase geométrica.

Essa maneira de transmitir os versos, numa sociedade e num mundo em que nem a escrita nem o papel eram disseminados, é a raiz de um dos mais lamentáveis mal-entendidos a respeito da literatura árabe: a de que ela seria “oral”,

نقل من تمة صوان الحكمة لظهير الدين في القسم البيهقي ان خمسة من الحكماء اجتمعوا
وصنفوا رسايل اخوان الصفا وهم ابو سليمان محمد بن مسعر البستي ويعرف بالمقدسي و ابو الحسن
علي بن مرون الزنجاني و ابو احمد النهرجوري واليعقوبي وزيد بن رفاعه والفاط الكاظمي المقدسي



Os "irmãos da pureza",
grupo filosófico árabe

A memória era um suporte tão ou mais válido que o papel para os discursos, quaisquer que fossem eles, inclusive os que hoje classificamos como “literários”



Moeda árabe em que aparece simbologia do zoroastrismo

entendida a oralidade como manifestação de espontaneidade, primarismo, improvisação etc. Entretanto, o que ocorre aí é uma confusão entre os meios de produção, difusão e gravação da produção e o caráter mesmo dessa produção, que é compreendida e classificada de modo absolutamente anacrônico.

Parece mais justa e coerente uma distinção estabelecida pelos antropólogos, a qual, ao invés de ter como critério o suporte material da produção, fala em “pensamento letrado” e “pensamento iletrado”, propondo uma análise do discurso, descrito como resultado, em princípio, de um processo de exteriorização que em última instância é determinado pelo repertório do enunciador e não pelas condições da exteriorização.

Qualquer pessoa que tenha um mínimo de conhecimento direto da literatura

árabe percebe o caráter altamente elaborado, numa palavra, “literário”, dessa produção; trata-se de um assunto que já rendeu e ainda rende acirradas discussões, pois muitos críticos, em arroubos tipicamente românticos, acusaram a literatura árabe de artificialismo, repetitividade, preciosismo, exagero de uso de tropos etc. Contudo, o que se deve ressaltar é o seguinte: considerar essa produção “oral”, com tudo que esse termo atualmente implica, é um rematado anacronismo.

No período que a cultura ocidental unifica problemáticamente como “Idade Média”, a memória era um suporte tão ou mais válido que o papel para os discursos, quaisquer que fossem eles, inclusive os que hoje classificamos como “literários”. Um curto relato do século XIII, do filho do vizir Abu Marwán, da Andaluzia muçulmana, ilustra bem essa questão:

Certo dia eu estava sentado no saguão de minha casa quando o escriba a quem eu ordenara que me copiasse o *Livro das Canções* [obra do século X cuja edição, hoje, ocupa cerca de 20 volumes com 500 páginas cada um, em média], de Abu al-Fáraj al-Asbaháni, chegou trazendo os volumes que copiara. Perguntei-lhe: “onde está o original do qual você copiou para que possamos comparar juntos?”. Ele respondeu: “Não o trouxe”. Estávamos nisso quando adentrou o saguão um homem de aparência desalinhada, com roupas grosseiras quase todas de lã, trazendo na cabeça um turbante enrolado sem nenhum cuidado. Ao vê-lo, presumi que se tratava de algum beduíno. Fez uma saudação, sentou-se e me disse: “meu filho, peça autorização para que eu fale com o ministro Abu Marwán”. Depois de muita demora, respondi: “está dormindo”. Fui levado a isso pelos ímpetos da mocidade e pela aparência grosseira do homem, que ficou quieto alguns instantes e depois disse: “que livro é este que vocês têm em mãos?” Respondi: “E por que pergunta?” Ele disse: “gostaria de saber o seu nome, pois conheço os nomes dos livros”. Respondi: “é o Livro das Canções”. Perguntou: “até que ponto o copista chegou?” Respondi: “chegou ao ponto tal”, e pus-me a conversar com o homem pelo método da ironia. Ele perguntou: “por que o seu copista não copia?” Respondi: “pedi-lhe os originais que está utilizando para comparar estas folhas, mas ele me disse que não os trouxe”. Ele disse: “meu filho, pegue os seus volumes e compare”. Perguntei: “comparar com quê? Onde estão os originais?” Ele disse: “Eu costumava decorar esse livro na minha juventude”. Sorri-me de suas palavras, e ao ver meu sorriso ele disse: “confira comigo!” [provavelmente, essa fala indica a seguinte disputa: alguém abre um texto ao acaso e cita um pequeno trecho que o outro deve continuar até onde souber de cor]. Assim eu fiz, e ele se pôs a recitar. Por Deus que não errou uma única

conjunção! Recitou assim cerca de dois volumes; depois, testei-o no meio do livro e no final, e constatei que tudo ele sabia de cor do mesmo jeito. Fiquei ainda mais admirado, e fui mais que depressa lá dentro chamar meu pai, o vizir, a quem dei a notícia e descrevi o homem. Meu pai se levantou imediatamente; estava enrolado num pano, sem túnica, e saiu de cabeça descoberta e pés descalços, mal podendo se conter, enquanto me dirigia as maiores censuras. Lá fora, atirou-se sobre o homem, abraçou-o e pôs-se a beijar-lhe as mãos e a cabeça dizendo: “Meu senhor, perdoe-me! Por Deus que esse grosseirão não me falou senão agora!”, e passou a me xingar, enquanto o homem o acalmava e lhe dizia: “ele não me reconheceu”, e meu pai dizia: “vá lá que não o tenha reconhecido! Mas qual é a sua desculpa dele para a má educação?” Então, meu pai levou o homem para dentro de casa, ficou a sós com ele e ambos conversaram longamente. Em seguida, o homem saiu com meu pai atrás, descalço, até chegar à porta. Meu pai também ordenou que a montaria de seu uso pessoal fosse aparelhada e mediante juras fez o homem montá-la e comprometer-se a não devolvê-la. Quando o homem se retirou, perguntei a meu pai: “quem é esse homem que você tratou com tanta magnificência?” Ele respondeu: “Cale-se, ai de você! Esse é o maior letrado de al-Andalus, seu líder e senhor em saber e letras! Ele é Ibn ‘Abdún, e a mais simples das coisas que ele sabe de cor é o *Livro das Canções*”.

Além de fornecer pistas para a compreensão do papel da memória naquele mundo, esse texto também a apresenta como parâmetro para a categorização do letrado: ele será tanto mais valorizado quanto mais livros trouxer de cor, ou seja, quanto maior for o seu repertório de saberes consolidados, do qual a memória, convenha-se, é um indicativo muito mais seguro do que a simples posse material dos livros, diferença indiscutível entre o ser e o ter.

A inclusão da prosa como discurso esteticamente valorizado foi mais tardia e simultânea à própria valorização e multiplicação do gênero: os *hadiths* do profeta,



BIBLIOTHEQUE DU MUSEE DE TOPKAPI, ISTANBUL

Ilustração em livro persa

Divertidas e preciosistas, as *maqamát* tiveram sucesso tal que provocaram muitas imitações e a difusão do gênero por todo o mundo muçulmano



Ilustração em livro persa

fundamentais para a teologia islâmica, eram em prosa; os relatos das proezas dos exércitos árabes e muçulmanos passaram a ter uma importância transcendente; as ciências de maneira geral, apesar de seu caráter pragmático, eram muita vez escritas em prosa altamente elaborada; e os tratados políticos e éticos, com suas máximas de valor universalizante, tinham de ser conhecidos pelos letrados.

Já a elaboração ficcional, que hoje é o que mais comumente se identifica com a literatura, acabou recebendo uma contribuição decisiva dos produtores e buriladores de fábulas, como Ibn al-Muqaffá

(século VIII), que traduziu ao árabe o *Livro de Kalila e Dimna*, descendente remoto do Pañcatantra sânscrito, e Sahl Bin Harún (século IX), com *O tigre e a raposa*. O livreiro al-Nadím, no final do século X, compendiou todos os saberes em árabe em *O catálogo*, obra na qual o que hoje seria ficção está na parte dedicada aos mitos e à narração de histórias para distrair; foi nessa seção que ele incluiu as fábulas e uma espécie de ancestral do século IX do *Livro das mil e uma noites*.

A fronteira entre essa prosa ficcional, constituída por “mentiras”, e a prosa de anedotas curiosas do cotidiano, pseudo-

história que lida com miudezas, é deveras tênue. Autores como o prolífico al-Jábiz (século IX), em obras como *Os avaros* e *O livro dos leprosos, dos aleijados, dos cegos e dos vesgos*, e mesmo em obras “sérias” como *Os animais* e *Clareza e esclarecimento* (tratado de retórica); o juiz al-Tanúkhi (século X), com *Liberdade após dificuldade* e *Palestras agradáveis e conversas memoráveis*, entre outros, ajudaram a consolidar o gênero com sua prosa elaboradíssima, modelar por várias gerações, muito embora, de início, suas obras não fossem consideradas estritamente “mentirosas”, mas sim trabalhos para “entreter”; é a elas que primeiro se atribui a palavra *adab* num sentido próximo ao contemporâneo. Pode-se assim situar os relatos ficcionais no entroncamento de duas linhas de força, concomitantemente classificáveis como origem – de um lado, “descarte”, diga-se assim, de relatos pseudo-históricos, ou mesmo irrelevantes, por anedóticos, do ponto de vista ético e intelectual; de outro, histórias traduzidas para a língua árabe, ou mais propriamente arabizadas.

Esse virtual “veto à ficção”, como talvez o denominasse o crítico brasileiro Luiz Costa Lima, foi determinado por decoros como o supracitado apego à “verdade histórica”, e por novos critérios de avaliação dos regimes discursivos. As poesias, em geral, se produzem como discursos figurados e ornamentados sobre uma realidade (lugar) primeira, e nessa linha eram entendidos como universais. Já a prosa ficcional, cujos ornamento e estatuto eram de diversa ordem, não era assim entendida, nem pensada como discurso figurado.

Para usar um bom termo de comparação em português, a prosa ficcional foi considerada demasiado “prosaica” e particularista, inferior à poesia em ornamento e pouco aplicável fora das circunstâncias que determinaram a sua enunciação. Seja como for, isso não impediu o seu enorme desenvolvimento. A prosa refinada de al-Jábiz, por exemplo, serviu



Épico persa *Shahname*, obra traduzida mais tarde para o árabe

de modelo para filósofos, historiadores, místicos e retores. Autores como al-Tawhidi, Ibn Qutayba, al-Jurjani e al-Tabari, entre outros, foram incorporados à história da literatura árabe.

O processo de incorporação definitiva da prosa ficcional às boas-letas somente se completará com o surgimento de um gênero no qual a ornamentação atinge as culminâncias: as *maqamât*, “lugares de repouso”. Desenvolvidas especialmente pelos autores Badi’ al-Zaman al-Hamadani (século X-XI) e seu imitador al-Hariri (século XI-XII), elas consistem em

aventuras narradas por um personagem semelhante aos pícaros espanhóis do século XVII. Divertidas e preciosistas, essas obras tiveram sucesso tal que provocaram muitas imitações e a difusão do gênero por todo o mundo muçulmano. Um dos locais onde aportou foi a Península Ibérica, cujos letrados de pronto adotaram o novo gênero, propagando-o e imitando-o intensamente. Mais de um crítico moderno levantou a hipótese de sua influência sobre a novela picaresca que floresceria séculos mais tarde, quando os árabes já não eram mais que memória.

Novas edições este ano

O mercado brasileiro anuncia a edição de várias obras árabes este ano.

A Globo planeja lançar o *Livro da alma*, de Avicena; *A sexualidade no Islã*, de Abdelwahhab Bouhdiba; *A lógica dos orientais*, de Christian Jambet; *Gramática do Árabe*, traduzida e adaptada por Safa Jubran; além do terceiro volume do *Livro das mil e uma noites*.

As *Mu’allaqât*, poesias pré-islâmicas, saem pela Record com título *Os poemas suspensos*, em tradução de Alberto Mussa. Os versos são considerados os mais belos escritos em língua árabe naquele período.

Eu vi Ramallah, romance do palestino Murid al-Barghuthi, sai pela Casa da Palavra. A Ateliê Editorial tem prontos, ainda sem título, livros de Michel Sleiman sobre a poética na Espanha muçulmana; de Miguel Attie sobre a filosofia de Avicena; e de Sylvia Leite sobre padrões geométricos na arte islâmica.

Em 2005, além do lançamento do primeiro e do segundo volumes do *Livro das mil e uma noites*, a editora Unesp lançou *O filósofo autodidata*, de Ibn Tufayl. Escrito no início do século XII, traz as aventuras de Hayy Ibn Yaqzân, que parte sozinho para conquistar o mundo. A obra instiga reflexões a partir da oposição entre a vida “natural” e a civilizada, a tradição mística e o racionalismo.

Ainda no ano passado, a editora Martins Fontes lançou *O discurso decisivo*, do filósofo aristotélico do século XII Averróis (Ibn Rushd) e *Kalila e Dimna*, obra indiana que se tornou famosa por meio de sua adaptação para o árabe no século VIII realizada pelo muçulmano de origem persa Ibn Almuqaffa’. A Ediouro republicou a antologia *Contos Árabes*, com organização de Jamil Almansur Haddad.

(LUCIANA ARAUJO)